

Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: 18

Data 16/06/91 Pg.: \_\_\_\_\_

*4468*  
**ECO-92 vai propor conciliação de ecologia e desenvolvimento**

CILENE PEREIRA

Quando a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO-92) for aberta em junho de 1992, no Rio de Janeiro, um dos mais modernos conceitos da ecologia, o desenvolvimento sustentável, ganhará um lugar de destaque entre os temas do encontro. Essa nova idéia acredita que o progresso se faz com o equilíbrio entre os ganhos materiais e o uso racional dos recursos naturais.

Estudos indicam que a população do planeta, hoje em torno dos 5,3 bilhões de pessoas, deverá bater na casa dos 10 bilhões no ano 2050. Isso implicará numa corrida aos últimos solos férteis. Mais gente no planeta significa mais esgoto, mais sujeira, mais gasto de energia, mais poluição e mais chances de problemas com o efeito estufa — o aquecimento da temperatura da Terra causado provavelmente

pela acumulação de gases na atmosfera — se agravarem.

Diante disso, o desenvolvimento sustentável parece a saída viável para a manutenção das riquezas naturais e da qualidade de vida. Dentro dessa nova mentalidade, a biosfera deveria produzir benefício para as gerações atuais, ao mesmo tempo em que manteria sua potencialidade para satisfazer às necessidades das

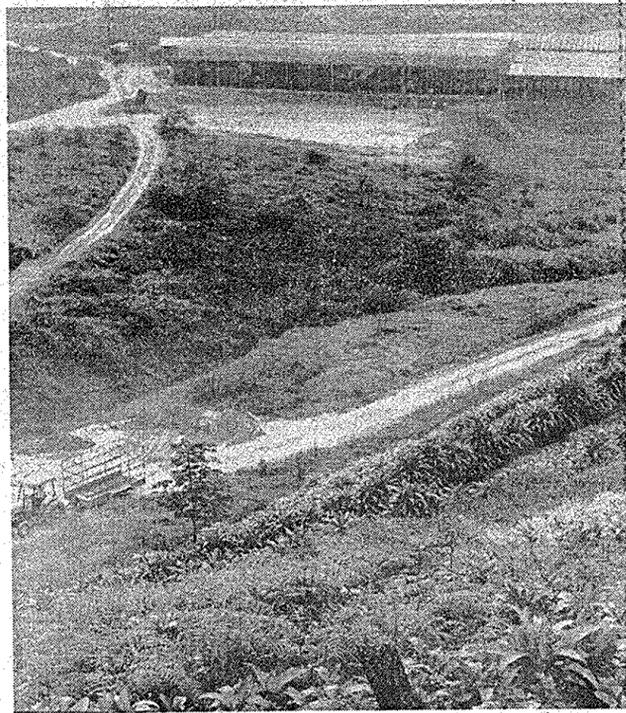
gerações futuras. Esse tipo de experiência, que não agride o meio ambiente, já produz resultados como, por exemplo, o da Fazenda Plantas Exóticas do Brasil-Agrifloricultura, em Juquiá, São Paulo (leia reportagem nesta página).

"No desenvolvimento sustentável, o meio ambiente é considerado um patrimônio, que deve ser preservado e explorado da maneira correta",

afirma o deputado federal Fábio Feldman (PSDB), apontado como um dos mais atuantes parlamentares na questão ambiental brasileira. "Em vez de deixar uma floresta intocada, é preciso identificar as atividades econômicas que gerem renda, mas que não destruam a influência da floresta no equilíbrio do planeta", entende Feldman.

"Por este novo conceito, os países devem ter a quantidade de habitantes que puderem sustentar", entende o professor Paulo Nogueira Neto, integrante da comissão da ONU que definiu o conceito da auto-sustentabilidade.

"É preciso também parar de pensar na utilização a curto prazo dos recursos naturais", acrescenta o engenheiro florestal Virgílio Viana, professor do Departamento de Ciências Florestais da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq), em Piracicaba.



Alvaro Motta/AE

Fazenda Plantas Exóticas: desenvolvimento sustentável

**Índios aplicavam o conceito**

O conceito de desenvolvimento sustentável é novo, mas algumas tribos conviveram com esses princípios muito antes que a degradação do planeta se tornasse um problema. Essas constatações estão no Museu Paraense Emílio Goeldi, em Belém do Pará. "Os vestígios de alimentação indi-

cam que eles conheciam o valor protéico dos alimentos", conta Cristina Sena, pesquisadora do Museu, acrescentando que o tamanho das comunidades indica que eles conseguiram a auto-sustentabilidade na medida em que permaneceram vivos, em grande número, vivendo apenas da natureza.

**Idéia é utilizada com sucesso no Ribeira**

JUQUIÁ — A região do Vale do Ribeira aos poucos está sendo transformada numa espécie de laboratório experimental para pesquisas sobre desenvolvimento sustentável. É nessa parte do Estado — onde está concentrada a maior parte do que resta da Mata Atlântica — que algumas poucas iniciativas anônimas buscam a harmonia entre preservação ambiental e progresso. Esses projetos pioneiros representam, além da questão ecológica, uma alternativa de desenvolvimento para a área, dona disparada do maior índice de miséria de São Paulo.

Um dos exemplos mais bem-sucedidos destas novas experiências é a Fazenda Plantas Exóticas do Brasil-Agrifloricultura, em Juquiá, a 180 quilômetros de São Paulo. A fazenda, pertencente a uma sociedade de cinco holandeses, está instalada entre serras cobertas com a exuberante folhagem da Mata Atlântica.

ALIADA

Desde quando decidiram começar o empreendimento justamente no Vale do Ribeira, os proprietários da fazenda sabiam que teriam na natureza preservada não um empecilho, mas uma aliada. "Escolhemos o local por causa do clima, que seria o ideal para as espécies de plantas que queremos", lembra-se Piet Van Der Geest, diretor geral da fazenda.

Em 1989 — dois anos depois de a fazenda ser inaugurada —, eles puderam comemorar a primeira exportação de mudas para a Holanda. Animados com o sucesso da empreitada, os proprietários da Agrifloricultura sonham até em aumentar o faturamento com exportações dos US\$ 300 mil



Alvaro Motta/AE

Van Der Geest: opção certa

obtidos atualmente para pelo menos US\$ 1,5 milhão dentro de dois anos.

Dos 350 hectares da fazenda, por exemplo, eles esperam utilizar apenas 100 hectares. A legislação os impede de desmatar o resto da propriedade, mas os holandeses também já aprenderam que é melhor manter intacta a mata que cerca a fazenda para que a produtividade da empresa não desabe. Afinal, é entre exemplares da Mata Atlântica que alguns tipos de plantas cultivadas, como a dracena e a yucca, encontram o ambiente ideal para florescer. Delicadas, essas espécies usam as árvores da floresta para se proteger do sol.

Mas o desmatamento de áreas vizinhas à fazenda começa a preocupar os holandeses. "Acompanhamos a umidade relativa do ar desde quando chegamos aqui e percebemos que ela vem caindo", conta Benno Peter Boersma, administrador da Agrifloricultura. Boersma acredita que uma das causas para o fenômeno pode ser a derrubada indiscriminada de matas ao seu redor.

ECOTURISMO

Perto da Agrifloricultura, também no Vale do Ribeira, está funcionando com sucesso outro exemplo de natureza bem aproveitada. É a Fazenda Intervalles, da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, cercada por dois parques e localizada numa área de proteção ambiental. A fazenda já havia sido usada até como sede de uma fábrica de processamento de palmito — uma planta cuja extração é proibida em regiões protegidas —, mas há três anos foi transformada num hotel ecológico.

"No início foi tudo muito instintivo, mas hoje sei que conseguimos encontrar uma alternativa viável de geração de renda sem destruir a natureza", conta a bióloga Cristiane Leonel, chefe do setor de Desenvolvimento Ambiental da Fundação Florestal. A Fazenda Intervalles tem lugar para 57 visitantes e reserva a seus hóspedes opções de passeio por trilhas dentro da Mata Atlântica, banhos de cachoeira e até excursões a cavernas.

A bióloga, no entanto, acalenta ambições maiores para a Intervalles. Com o sucesso do hotel, ela espera obter recursos para ajudar no financiamento de pesquisas para descobrir as outras potencialidades da fazenda. "Acredito que seja possível explorar outras coisas na Mata Atlântica, mas ainda é preciso estudar muito os ecossistemas lá existentes", pondera cautelosa.